

NOS 50 ANOS DA MORTE (1985)

Dados biográficos/1 Anos da vida dele

1888

Fernando António Nogueira Pessoa nasce a 13 de Junho, às 3,20 da tarde, no quarto andar esquerdo do n.º 4 do Largo de São Carlos em Lisboa.



São seus pais Maria Magdalena Pinheiro Nogueira, natural da ilha Terceira, nos Açores, de vinte e seis anos, e Joaquim de Seabra Pessoa, natural de Lisboa, de trinta e oito anos, funcionário público no Ministério da Justiça e crítico musical do «Diário de Notícias». Com eles vivem a avó paterna, Dionísia, doente mental, e duas criadas velhas, Joana e Emília.

A 21 de Julho é baptizado na Igreja dos Mártires. São seus padrinhos a tia Anica, irmã da mãe, e o general Chaby.

1893

Em Janeiro nasce o seu irmão Jorge. Em Julho, Joaquim de Seabra Pessoa morre tuberculoso em Lisboa. A família, depois de deixar uma parte dos seus haveres, muda-se para a Rua de São Marçal, n.º 104, 3.ª.

1894

Em Janeiro morre o seu irmão Jorge. Neste período Fernando Pessoa cria o seu primeiro heterónimo, o Chevalier de Pas.

1895

A sua primeira poesia, a quadra *A minha querida mamã*, tem a data de 26 de Junho.

Em Dezembro a mãe casa por procuração, na Igreja de São Mamede em Lisboa, com o comandante João Miguel Rosa, cônsul de Portugal em Durban, na colónia inglesa do Natal.

1896

Em Janeiro parte com sua mãe e um tio-avô com destino a Durban (viajam no navio Funchal até à Madeira e depois no paquete inglês *Hawarden Castle* até ao cabo da Boa Esperança).

Em Outubro nasce a sua irmã Henriqueta Madalena.

1897

Faz a instrução primária na escola de freiras irlandesas da West Street (alcança a equivalência de cinco anos lectivos em apenas três). No mesmo Instituto faz a primeira comunhão.



1898

Nasce em Outubro a sua irmã Madalena Henriqueta.

1899

Em Abril ingressa na Durban High School onde permanecerá durante três anos, revelando-se um dos melhores alunos do seu curso. Provável influência na sua formação da figura carismática do director do liceu, o Headmaster W. H. Nicholas, grande humanista, professor de Latim e profundo conhecedor da literatura inglesa.

Cria o heterónimo Alexander Search.

1900

Em Janeiro nasce o seu irmão Luís Miguel.

1901

Em Junho é aprovado com distinção no seu primeiro exame, o «Cape School Hig-

her Certificate Examination». Neste mês morre a sua irmã Madalena Henriqueta.

Primeiras poesias em inglês. Em Agosto parte com a família para Portugal em viagem de férias. No mesmo barco (o paquete alemão *König*) segue o corpo da irmã falecida.

1902

Em Janeiro nasce, em Lisboa, o seu irmão João Maria.

Em Maio visita com a mãe, o padastro e os irmãos, a ilha Terceira, nos Açores, onde vive a família materna. Escreve a poesia *Quando ela passa*.

Em Junho regressam a Durban a mãe, o padastro, os irmãos e a criada Paciência que viera com eles.

Em Setembro Fernando Pessoa volta sozinho para a África do Sul no vapor alemão *Herzog*.

Matricula-se na Commercial School.

Tenta escrever romances em inglês.

1903

Frequenta o curso nocturno da Commercial School; contemporaneamente, durante o dia, prepara-se nas disciplinas humanísticas para o exame de admissão à Universidade.

Em Novembro faz o exame de admissão à Universidade do Cabo da Boa Esperança («Matriculation Examination»). Obtém uma classificação relativamente baixa, mas é-lhe conferido, entre 899 candidatos, o prestigioso prémio «Queen Victoria Memorial Prize» pelo melhor ensaio de estilo inglês.



1904

Ingressa novamente na Durban High School, à testa da qual continua o Headmaster Nicholas. Frequenta a Form VI (correspondente ao primeiro ano de um curso universitário). Lê Shakespeare, Milton, Byron, Shelley, Keats, Tennyson e Poe. Interessa-se por Carlyle. Aprofunda a sua cultura clássica.

Escreve poesia e prosa em inglês. Surge o heterónimo Charles Robert Anon e H. M. F. Lecher.

Em Agosto nasce a sua irmã Maria Clara.

Em Dezembro publica no jornal do liceu o ensaio intitulado *Macanudo*. Faz o «Intermediate Examination in Arts» na Universidade do Cabo, obtendo bons resultados. Com este exame terminam os estudos na África do Sul.

1905

Em Agosto parte sozinho e definitivamente para Lisboa, a bordo do vapor alemão *Herzog*.

Em Lisboa fica algum tempo em casa da tia-avó Maria Cunha, em Pedrouços, e depois vai viver com a tia Anica, irmã da mãe, e seus filhos, na Rua de São Bento, n.º 19, 2.ª Esq.ª.

Continua a escrever poesia em inglês.

1906

Matricula-se no Curso Superior de Letras.

Em Outubro a mãe e o padastro voltam a Lisboa de férias e Fernando vai viver com eles e seus irmãos na Calçada da Estrela, n.º 100, 1.ª. Em Dezembro morre, em Lisboa, a sua irmã Maria Clara.

1907

Tendo a família regressado a Durban, vai viver com a avó Dionísia e duas tias-avós maternas na Rua da Bela Vista, n.º 17, 1.ª. Desiste do Curso Superior de Letras.



Dados biográficos/2

Lê os filósofos gregos e alemães; os decadentes franceses; e o livro «que destrói parte de toda esta influência»: *La Dégénérescence* («Entartung») de Max Nordau.

Em Agosto morre a avó Dionísia deixando-lhe uma pequena herança. Com o dinheiro recebido, vai a Portalegre a fim de comprar material para montar uma tipografia, na Rua da Conceição da Glória, 38 e 40, a «Empresa Ibis» — Tipográfica e Editora, que mal chega a funcionar.

Recusa a oferta de bons lugares por os mesmos incluírem obrigações de horário que lhe seriam de obstáculo à realização da sua obra literária.

1908

Em Fevereiro são assassinados o rei D. Carlos e o príncipe herdeiro.

Vai viver sozinho na Rua da Glória, n.º 4, 7.ª e começa a trabalhar nos escritórios de várias firmas comerciais como «correspondente estrangeiro».

Muda-se para um quarto alugado no Largo do Carmo, n.º 18, 1.ª.

Numas notas autobiográficas fala da influência que sobre a sua poesia tiveram Antero, Junqueiro, Cesário Verde, António Nobre, Garrett e António Correia de Oliveira. O intelectual com o qual confronta estas experiências poéticas é o general Henrique Rosa, irmão do seu padastro, homem de cultura.

Escreve os primeiros fragmentos do Fausto.

1910

Escreve poesia e prosa em português, inglês e francês, com declarada influência dos simbolistas franceses e de Camilo Pessanha.

A 5 de Outubro é proclamada a República.

Em Dezembro é fundada no Porto a revista «A Águia».

1911

Accepta traduzir para português uma Antologia de Autores Universais dirigida por um editor americano e destinada a ser publicada no Brasil.

1912

Em Janeiro é fundada no Porto a Renascença Portuguesa. «A Águia», agora dirigida por Teixeira de Pascoas, torna-se o órgão deste movimento.

Estreia literária como crítico: em Abril publica em «A Águia» o artigo *A Nova Poesia Portuguesa* Sociologicamente Considerada, ao qual faz seguir, em Maio, uma polémica conclusão: *Reinholdindo...* Os dois artigos suscitam uma vasta controvérsia que se exprime sobretudo no jornal «República» através de um Inquérito Literário organizado por Boavista Portugal.

Em Outubro Sá-Carneiro parte para Paris e matricula-se na Sorbonne. Tem início a correspondência entre os dois amigos.

Em Novembro publica, em três números seguidos de «A Águia», o ensaio *A Nova Poesia Portuguesa* no seu Aspecto Psicológico e muda-se para uma casa da tia Anica, na Rua de Passos Manuel.

1913

Intensa actividade criadora, crítica e de polemista, colabora no semanário «Teatro» de Boavista Portugal e em «A Águia», escreve *Epithalamum*, *Horas Absurdas*, *O Marinheiro*. É também um período intenso de discussão e de tertúlia com os jovens artistas da sua geração.

1914

Colecciona e traduz para um editor inglês 300 provérbios portugueses; publica em «A Renascença» número único, *Pauls e O Sino da Minha Aldeia*, sob o título único

de *Impressões do Crepúsculo*. Sá-Carneiro regressa a Portugal.

Oito de Março: «dia triunfal da sua vida»; surge Alberto Caeiro e escreve os poemas do *Guardador de Rebanhos*. Quase em resposta a Caeiro, o ortónimo escreve a seguir os seis poemas de *Chuva Oblíqua*, texto-chave do Interseccionismo. É também deste período o aparecimento de Álvaro de Campos.

Entretanto Fernando Pessoa muda-se, com a tia Anica e a sua família, para a Rua Pascoal de Melo e escreve fragmentos da *Teoria da República Aristocrática*. É de Junho a primeira poesia de Ricardo Reis.

No Outono deste ano começam as reuniões na Cervejaria Jansen, à Rua Victor Cordon, do grupo de que sairá «Orpheu». Em Novembro a tia Anica parte para a Suíça com a filha e o genro. Fernando Pessoa deixa a casa da Rua Pascoal de Melo, atravessa uma profunda crise depressiva.

1915

Primeira versão de *Antinous*.

Sai em Março o primeiro número de «Orpheu», acolhido com irritação e troca pela crítica e pelo público, que traz entre outras coisas «O Marinheiro» de Pessoa, «Opiário» e «Ode Triunfal» de Campos. Os directores são Luís de Montalvor e Ronald de Carvalho. Outros colaboradores: Mário de Sá-Carneiro, Alfredo Pedro Guisado, José de Almada Negreiros, Armando Cortes-Rodrigues e também Luís de Montalvor e Ronald de Carvalho.

Pessoa aluga um quarto na Rua D. Estefânia, e colabora esporadicamente no quotidiano «O Jornal» de Boavista Portugal, na rubrica *Crónica da Vida que Passa*. Em Maio publica, no panfleto clandestino de João Camossas, «En Realta», o artigo *O Presencio da Ordem*.

Sai em Junho o segundo número de «Orpheu». Os directores são Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa; o editor é António Ferro. Pessoa publica *Chuva Oblíqua* e *Campos a Ode Marítima*. Em Julho «A Capital» publica uma local de tom sarcástico contra o grupo de «Orpheu», e Campos envia ao director do jornal uma carta de resposta que termina com uma alusão irreverente ao desastre sofrido, havia pouco, pelo político Dr. Afonso Costa. Alfredo Pedro Guisado e António Ferro, indignados, abandonam «Orpheu». Sá-Carneiro e Almada também se dissociam da atitude de Álvaro de Campos.

Sá-Carneiro volta para Paris, de onde em Setembro escreve a Pessoa anunciando-lhe que por motivos económicos o projecto de «Orpheu 3» fica anulado. Pessoa traduz para a Livraria Clássica o *Compêndio de Tesoulo* de C. W. Leadbeater. Em Dezembro sua mãe, em Pretória, adoece vítima de uma apoplexia.

1916

Publica na revista «Exílio» (Abril) o poema *Horas Absurdas*.

Sá-Carneiro suicida-se em Paris no Hotel de Nice (26 de Abril). O seu último bilhete ao amigo diz: «Um grande grande, adeus do seu pobre Mário de Sá-Carneiro».

Pessoa muda frequentemente de habitação: um quarto alugado na Rua Antero de Quental; outro na Rua Almirante Barroso; outro enfim na Rua Cidade da Horta.

1917

O governo português intervém na guerra enviando um corpo expedicionário para a frente francesa. Pessoa confia aos seus escritos pessoais as suas reflexões e as suas angústias acerca do conflito mundial.

Sai em Novembro o primeiro e único número de «Portugal Futurista» que contém poemas de Fernando Pessoa ortónimo e o *Ultimatum* de Álvaro de Campos.

Com A. Ferreira Gomes e o Eng.º Gerardo Coelho de Jesus, Pessoa abre um escritório de comissões e consignações na Rua de S. Julião, 45, 2.ª (depois transferido para a Rua do Ouro, 87, 2.ª). Passa a viver na Rua Bernardim Ribeiro.

Em Novembro morre a mãe, a tia Anica, na Rua de Passos Manuel.

Em Dezembro morre, em Lisboa, a sua irmã Maria Clara.

Em Janeiro parte sozinho e definitivamente para Lisboa, a bordo do vapor alemão *Herzog*.

Em Lisboa fica algum tempo em casa da tia-avó Maria Cunha, em Pedrouços, e depois vai viver com a tia Anica, irmã da mãe, e seus filhos, na Rua de São Bento, n.º 19, 2.ª Esq.ª.

Continua a escrever poesia em inglês.

1918

Morre em Abril Santa-Rita Pintor e a sua obra é queimada segundo a sua última vontade.

Os três sócios, Pessoa, Ferreira Gomes e Coelho de Jesus, trespassam o escritório de representações.

Pessoa publica em duas «plaquettes» do autor (com a indicação editorial «Monteiro & Co.»), os poemas ingleses *Antinous* e 35 *Sonnets* que em Setembro são objecto da atenção da crítica britânica do «Times» e no «Glasgow Herald».

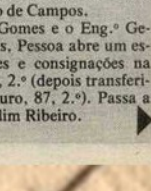
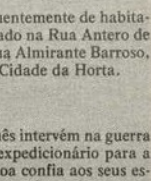
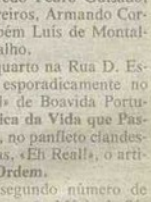
Em Outubro morre Amadeo de Souza-Cardoso, vítima da epidemia da gripe espanhola. Em Dezembro é assassinado em Lisboa Sidónio Pais. Abre-se em Portugal uma profunda crise política.

Pessoa mora na Rua Sto. António dos Capuchos.

1919

Escreve os *Poemas Inconjugados* de Alberto Caeiro, com a data fictícia de 1913-1914, por coerência diacrónica com a biografia do heterónimo, morto em 1915.

Falece em Pretória (5 de Outubro) seu padastro, o cônsul João Miguel Rosa. Pessoa, que agora mora na Avenida Gomes Pereira, em Benfica, dedica-se à ensaística política. Publica *Como Organizar Portugal* e *A Opinião Pública em Acção*, órgão do Núcleo de Acção Nacional.



Dados biográficos/3

1918

Morre em Abril Santa-Rita Pintor e a sua obra é queimada segundo a sua última vontade.

Os três sócios, Pessoa, Ferreira Gomes e Coelho de Jesus, trespassam o escritório de representações.

Pessoa publica em duas «plaquettes» do autor (com a indicação editorial «Monteiro & Co.»), os poemas ingleses *Antinous* e 35 *Sonnets* que em Setembro são objecto da atenção da crítica britânica do «Times» e no «Glasgow Herald».

Em Outubro morre Amadeo de Souza-Cardoso, vítima da epidemia da gripe espanhola. Em Dezembro é assassinado em Lisboa Sidónio Pais. Abre-se em Portugal uma profunda crise política.

Pessoa mora na Rua Sto. António dos Capuchos.

1919

Escreve os *Poemas Inconjugados* de Alberto Caeiro, com a data fictícia de 1913-1914, por coerência diacrónica com a biografia do heterónimo, morto em 1915.

Falece em Pretória (5 de Outubro) seu padastro, o cônsul João Miguel Rosa. Pessoa, que agora mora na Avenida Gomes Pereira, em Benfica, dedica-se à ensaística política. Publica *Como Organizar Portugal* e *A Opinião Pública em Acção*, órgão do Núcleo de Acção Nacional.

1920

Publica na revista inglesa «The Athenaeum» o poema *Meantime*, e em «Ressurreição» o soneto *Abdicação*. Conhece no escritório «Félix, Freitas e Valladas» Ophélia Queiroz, com a qual estabelece uma relação sentimental (Março).

Sua mãe e seus irmãos regressam a Portugal. Vai viver com eles numa casa da Rua Coelho da Rocha. Participa frequentemente, com o nome de A. A. Crosse, nos concursos charadeísticos do «Times». Escreve uma série de epítáfios em inglês.

Em Outubro atravessa uma grande depressão psíquica e pensa internar-se numa casa de saúde. Em Novembro interrompe a relação com Ophélia.

1921

Funda a Editora «Olisipo» onde publica os seus *English Poems I e II* e *English Poems III e IV*. Inventa o *Diálogo do Dia Claro* de Almada Negreiros.

António Sérgio, Raul Proença, Aquilino Ribeiro e Jaime Cortesão fundam em Lisboa a revista «Seara Nova».

1922

Colabora com assiduidade na revista «Contemporânea», fundada por José Pacheco. No primeiro número (Maio) sai a novela *O Banqueiro Anarquista*; no terceiro (Setembro) *António Botto e o Ideal Estético em Portugal*. Este artigo provoca uma polémica resposta de Álvaro Maia no número quatro (Novembro) intitulada *Literatura de Sodoma*.

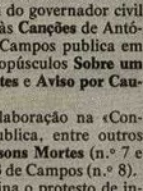
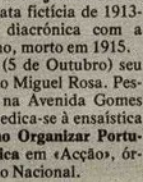
A Editora Olisipo publica a 2.ª edição das *Canções* de António Botto.

1923

A Editora Olisipo publica o folheto *Sodoma Divinizada*, assinado Henoch (Raul Leal) que é alvo do ataque morderizador da Liga dos Estudantes de Lisboa. O folheto é apreendido por ordem do governador civil e a mesma sorte cabe às *Canções* de António Botto. Álvaro de Campos publica em defesa dos amigos os opúsculos *Sobre um Manifesto de Estudantes* e *Aviso por Causa da Moral*.

Continua a sua colaboração na «Contemporânea» onde publica, entre outros textos, as *Trois Chansons Mortes* (n.º 7 e *Lisbon Revisted*, 1923 de Campos (n.º 8).

Em 17 de Julho assina o protesto de intelectuais portugueses (entre outros: Raul Brandão, António Sérgio, Aquilino Ribe-



ro, Luís de Montalvor, Jaime Cortesão) contra a proibição censória de Mar Alto de António Ferro.

António Botto publica *Motivos de Beleza* com uma nota de Pessoa.

1924

Falece o general Henrique Rosa. Sai em Outubro o primeiro número da revista mensal «Athena», que Pessoa dirige com o pintor Ruy Vaz, e onde Campos publica, no número de Dezembro, os *Apontamentos para uma estética não aristotélica*.

1925

Com o número de Fevereiro, «Athena» cessa a sua publicação.

No dia 17 de Março falece em Lisboa a mãe do Poeta.

Mário Saa publica o volume *A Invasão dos Judeus*, onde Pessoa é a das personagens analisadas pelo bizarro ensaísta.

1926

Sai em Janeiro o primeiro número da «Revista de Comércio e Contabilidade» que Pessoa dirige com seu cunhado, o coronel Francisco Caetano Dias, e onde Pessoa publica o artigo *A Essência do Comércio*.

A 28 de Maio verifica-se o golpe militar que põe fim à Primeira República e instaura a ditadura. Por coincidência neste mesmo dia o «Jornal do Comércio e das Colónias» publica uma resposta de Pessoa a um inquérito de natureza política.

Em Agosto Pessoa regista a patente de invenção de um «Anuário indicador sintético», por nomes e seus quaisquer classificações, consultável em qualquer língua.

Publica em «O Sol», n.º 1, a *Narração* exacta e comovida do que é o Conto do Viário, e em «Contemporânea» (n.º 1, 3.ª série) o poema *O Menino de sua Mãe*.

1927

Sai em Março o primeiro número de «presença». No terceiro número da revista (Abril), José Régio reconhece em Pessoa o Mestre da nova geração.

Em Junho Pessoa inicia a sua colaboração em «presença» com o poema *Marinha*.

1928

António de Oliveira Salazar é nomeado ministro das Finanças.

Pessoa publica o panfleto *O Interregno. Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal* e o artigo *O Provincialismo Português* («Notícias Ilustradas» de 12 de Agosto).

Com José Pacheco, Mário Saa, António Botto e outros, Pessoa funda a «Solução Editora».

1929

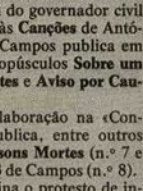
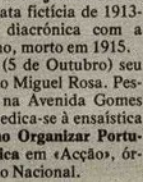
Organiza com António Botto uma Antologia de Poetas Portugueses Modernos. Entretanto um motivo aparentemente fútil (uma fotografia oferecida a Carlos Queiroz) reacende a amizade sentimental com Ophélia.

Sai o primeiro estudo crítico sobre a poesia de Pessoa, da autoria de João Gaspar Simões.

1930

Pessoa recebe em Lisboa a visita do famoso mago inglês Aleister Crowley, que depois desaparece em circunstâncias misteriosas na «Boca do Inferno», em Cascais. Sobre o episódio Pessoa é entrevistado no «Notícias Ilustradas» de Outubro.

Intenso período de criação heteronímica.



Dados biográficos/4

1931

Publica em «presença» a tradução do *Hino a Pã* de Aleister Crowley.

Escreve uma extensa carta a João Gaspar Simões na qual teoriza as suas opiniões quanto à «ficção» em literatura, manifestando um substancial e irónico desacordo em relação às teorias freudianas.

É deste ano a efectiva interrupção da sua relação sentimental com Ophélia (e não de 1930, como deixam crer as *Cartas de Amor* de Fernando Pessoa). Durante os primeiros três meses Ophélia escreve-lhe doze cartas; a última é de 29 de Março.

1932

Em Setembro concorre com insucesso a um lugar de conservador-bibliotecário no Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães em Cascais.

Escreve o prefácio do livro de poemas do amigo Eliseu Kamensky, *Alma Errante*. Em Novembro publica em «Fama», dirigida por Augusto Ferreira Gomes, o artigo *O Caso Mental Português*.

1933

Atravessa outra profunda crise psicológica, mas não desiste do trabalho literário. Intensa actividade criativa, como ortónimo, e crítica (copia o original de *Índices de Ouro* de Sá-Carneiro a fim de ser editado na «presença» e escreve um novo estudo sobre António Botto).

1934